Outras Fronteiras
Revista Discente do Programa de Pós Graduação em História da UFMT
ISSN: 2318-5503

A GUERRA DO PARAGUAI: TERIAM AS CONDIÇÕES SANITÁRIAS MATADO MAIS DO QUE AS ARMAS?

THE PARAGUAY WAR: WERE HEALTH CONDITIONS KILLED MORE THAN WEAPONS?

Alexandre Borella Monteiro[1]

Resumo:
O presente artigo analisará as condições sanitárias na Guerra do Paraguai. Objetivamos demonstrar que estas condições poderiam produzir tantas ou até mais mortes do que as armas. Utilizaremos tanto a literatura sobre o tema como suporte, quanto diários e livros de memórias e reminiscências. A metodologia será a leitura dos relatos de participantes do conflito em questão e o cruzamento do que eles afirmam, com o que é escrito na literatura. Entendemos as condições sanitárias como um dos inimigos a serem enfrentados.
Palavra-chave: Doenças; Guerra; Higiene

Abstract:
This article will analyze the health conditions in the Paraguayan War. We aim to demonstrate that these conditions could produce as many or even more deaths than weapons. We will use both literature on the topic as a support, as well as diaries and books of memories and reminiscences. The methodology will be the reading of the reports of participants in the conflict in question and the crossing of what they affirm, with what is written in the literature. We understand sanitary conditions as one of the enemies to be faced.
Keywords: Diseades; War; Hygiene

Considerações iniciais

No presente artigo analisaremos as condições sanitárias na Guerra do Paraguai [1864-1870]. Em uma guerra, espera-se que o maior número de mortes tenha como causas ferimentos provocados pelas armas inimigas. Pois neste artigo, vamos mostrar que na Guerra do Paraguai, que foi um dos conflitos ocorridos antes da invenção dos antibióticos e da evolução da medicina, bem como das condições sanitárias dos acampamentos militares, a maior parte das mortes era causada pela sujeira destes acampamentos, bem como das precárias condições em que os soldados se encontravam. A pergunta que vamos responder neste artigo é: que

[1]Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Servidor do Instituto Federal Farroupilha, *Campus* de Frederico Westphalen. Endereço de e-mail: alexandre_borella_monteiro@hotmail.com.

condições sanitárias tão precárias eram essas, que chegavam a causar mais mortes do que as armas inimigas?

Dentre as obras analisadas, listaremos livros de literatura histórica. A literatura não é um documento do real, como o discurso científico, filosófico, jurídico ou político, já que nestes, encontramos um discurso comprometido com a veracidade da realidade exterior. Entretanto, há textos literários que seriam diários de viagens e crônicas. Caso citado pelo autor é o livro "Os Sertões", de Euclides da Cunha acerca dos limites de onde termina a literatura e onde começa a ciência. Já que a literatura seria ficção, destinada a entreter ludicamente seus leitores. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o autor, mesmo escrevendo uma obra de ficção, está inserido em uma sociedade, com determinadas condições de tempo, cultura, e relações sociais. E é neste contexto que ele escreve sua obra. A literatura ajuda a compreender melhor o pensamento, os preconceitos, os juízos morais da época em que as obras foram escritas.[2] Outra fonte documental utilizada serão os diários de guerra. Com eles, temos testemunhos de pessoas que viram os fatos que estão narrando, que escrevem praticamente em tempo real. Assim, damos mais força ao significado da expressão "a guerra em primeira pessoa", pois pretendemos com ela, dar a dimensão de que os fatos narrados nesta tese serão descritas por testemunhas oculares, que descrevem o que sentiram naquele momento.

> Com a intenção de ampliar a possibilidade de uso de variadas fontes escritas para a História, mobilizou-se documentos testemunhais e/ou confessionais ainda pouco explorados na historiografia brasileira – os diários pessoais – para por meio deles, compreender as práticas culturais e/ou entrecruzar fatos e tempos e analisar os diferentes sentidos que marcam.[3]

A memória também será uma de nossas fontes, já que parte das obras analisadas serão livros de memórias e reminiscências. Segundo Jacques Le Goff:

> Até os nossos dias "história e memória" confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido "sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização". Os historiadores davam a fórmula de "grandes mitologias coletivas", "ia-se da história à memória coletiva". Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pelo media, caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas. [...] Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os

[2]FERREIRA, Antonio Celso. "Literatura. A fonte fecunda". In. PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009, p. 66-72.
[3]CUNHA, Maria Teresa. "Diários pessoais". Territórios abertos para a História. In. PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009, p. 252.

> criadores e os denominadores da memória coletiva: "Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória".[4]

Os livros que estudaremos são de pessoas que vivenciaram a guerra. Eles narram os episódios porque passaram e em tese, trariam a nós a memória de suas vivências. Existem narrativas de memória de inúmeros eventos.

> [...] memórias delineiam os aspectos da vida política, tais como o memorialista o viu tenha ele participado como testemunha ou como ator: guerras, revoluções, vida dos grandes, da corte, etc. São, na realidade, relatos de viagem ao país dos príncipes, dos homens de Estado, nas regiões de vida pública.[5]

Os exemplares analisados de obras de memorialistas e diários serão os seguintes. *História médico-cirúrgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguai e Paraguai*, de Carlos Frederico dos Santos Xavier Azevedo. *Campanha do Paraguai: diários do Exército em operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. marechal-de-exército marquês de Caxias,* publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1922. *Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello*. Notas extraídas do caderno de lembranças sobre sua passagem na Guerra do Paraguai, publicado pela Fundação Biblioteca Nacional, em 2011. *Narrativas Militares*, de Silvio Dinarte[6], em 1978. *Recordações da campanha do Paraguai*, do general José Luís Rodrigues da Silva, publicado pelo Senado Federal, em 2007.

A Guerra do Paraguai iniciou em 1864 e se encerrou em 1870. Os livros abordados abordam todo este período e todas as narrativas se referem ao exército aliado. O nosso foco serão as narrativas de autores que lutaram na guerra, em diários e livros de memórias e reminiscências. Adotamos as obras citadas no parágrafo acima, levando em consideração os seguintes critérios: o Dr. Carlos Frederico dos Santos Azevedo foi escolhido por se tratar de um relato do cirurgião-mor da esquadra imperial; o segundo livro, trata-se de um diário feito por um dos subordinados diretos do Marquês de Caxias durante todo o período em que este foi comandante em chefe das tropas aliadas (1967-1869); o terceiro foi escrito por Taunay, um dos autores que mais escreveu a respeito da Guerra do Paraguai; e por fim, José Luís Rodrigues da Silva, que escreveu suas memórias como general. Vale destacar sua opinião política, uma vez que ele era republicano. Os fatos narrados nestas obras serão confrontados com a literatura específica sobre os temas. A revisão bibliográfica a respeito do tema terá

[4]LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – SP, Unicamp, 1996, p .473.
[5]ARIÈS, Phillipe. **O tempo da história**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1989, p. 50.
[6]Silvio Dinarte é pseudônimo de Alfredo d'Esgranolle Taunay.

como finalidade contextualizar o leitor a respeito da Guerra do Paraguai no decorrer deste artigo, bem como servir de comparativo entre o que afirmam os diários e os livros de memória e o que diz a literatura especializada.

As condições sanitárias nas guerras do século XIX

Neste artigo, estudaremos como a propagação de doenças foi facilitada pela falta de condições sanitárias nos acampamentos, tanto no que diz respeito aos locais onde os soldados ficavam, como em se tratando dos alimentos e da água consumidos pelos mesmos.

A literatura nos relata que condições sanitárias precárias não foram privilégio da Guerra do Paraguai. Na verdade, trata-se de um conjunto de características das guerras travadas até o início do século XX. Trazemos neste artigo, como fonte bibliográfica sobre o tema, o livro do autor José Maria Orlando, intitulado *Vencendo a morte.* Como as guerras fizeram a medicina evoluir, de 2016. Neste livro, foram abordadas guerras diversas, como a Guerra da Criméia [1853-1856] e a Guerra de Secessão [1861-1865], onde podemos ver condições sanitárias igualmente terríveis. Como o autor mesmo diz "A sujeira mata mais do que a lâmina". Conforme escreve Orlando:

> Ao longo dos séculos, os maiores carrascos dos soldados nas guerras não foram, em grande medida, a lâmina ou a arma de fogo do exército inimigo. As condições sanitárias lastimáveis e as epidemias de doenças, ainda que pareça estranho, eram de fato os grandes algozes responsáveis por dizimar um número incalculável de vidas. Quando o resultado imediato não era a morte, surgia a incapacidade física, ainda que temporária, que se encarregava de causar muitas baixas, reduzindo sensivelmente o poder de ataque das partes beligerantes.[7]

Segue o autor:

> Da mesma forma que as adversidades climáticas, também a precariedade das condições sanitárias traduzia-se em eficiente e impiedosa aliada das doenças que grassavam durante as campanhas militares, e cujos reflexos também não deixavam de se fazer sentir nas populações civis.[8]

E que condições sanitárias seriam essas? Trata-se desde a limpeza do vestuário, dos acampamentos, da desinfecção das águas a serem consumidas e da conservação dos alimentos. Todos esses fatores contribuíram para causar mortes que, conforme veremos na

[7]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. Como as guerras fizeram e medicina evoluir. São Paulo: Matrix, 2016 (Edição para Kindle).
[8]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*

literatura, causaram mais prejuízos aos exércitos do que as baixas que tinham como causa os ferimentos ou mortes vindas do inimigo declarado.

> Má alimentação, falta de higiene pessoal, vestimentas inadequadas, exposição a condições climáticas adversas e promiscuidade continuaram fortemente arraigadas às campanhas militares, tal qual uma maldição lançada por alguma divindade para lembrar os homens da bestialidade de seus atos.[9]

Orlando cita a Guerra da Criméia como um dos exemplos onde as péssimas condições sanitárias, aliadas ao clima hostil causaram muito mais mortes do que os ferimentos em campo de batalha. Condições essas, que acabavam causando inúmeras doenças, como a disenteria. A má alimentação que causava, além da fraqueza dos soldados, outras moléstias, como o escorbuto. Más condições sanitárias, alimentação deficiente e clima hostil. Como é possível ver, esta descrição se encaixa perfeitamente à Guerra do Paraguai. Mas estamos falando de outra, travada em local muito distante, na Europa. Por isso, podemos afirmar que não importa tanto de que guerra estamos falando. Elas têm muitas semelhanças. Segundo José Maria Orlando:

> Alguns registros históricos dão conta de que a primeira força expedicionária britânica enviada à região era composta de aproximadamente 25 mil soldados. Ao final de um ano, 18 mil homens haviam morrido, "(...) a grande maioria deles em consequência de disenteria, cólera, escorbuto e outras febres. Eles foram vítimas das lamentáveis condições sanitárias dos acampamentos e hospitais, da má alimentação e de cuidados precários de enfermagem (...)". Esse fato, somado ao frio rigoroso no extremo Leste Europeu, é motivo consistente para explicar por que ocorreram mais de 20 mil óbitos de britânicos, contra não mais que 1.600 soldados mortos em ação.[10]

Outra guerra citada por José Maria Orlando é a Hispano-Americana, já no final do século XIX (1898). Ela ocorreu 28 anos após o final da Guerra do Paraguai, uma vez que Solano López foi morto em março de 1870, tendo este evento marcado o fim deste conflito. Entretanto, as condições sanitárias apresentadas pelo autor não diferem muito das encontradas no confronto militar ocorrido no Rio da Prata. E as mortes causadas por doenças que tiveram origem nas péssimas condições sanitárias foram mais numerosas do que as causadas pelas armas inimigas. Segundo podemos ler:

> Com o desencadear da Guerra Hispano-Americana, já no limiar do século XX (1898), o cenário voltaria a impor medidas efetivas por parte do

[9]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*
[10]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*

> comando do exército norte-americano com o objetivo de prover assistência aos soldados. Muitos casos de febre tifoide, que se acompanhavam de número preocupante de mortes, rapidamente se espalharam pelos acampamentos militares no sul dos Estados Unidos destinados ao treinamento de recrutas. Lá, o cenário não poderia ser mais propício para o alastramento da infecção, amplamente patrocinado pelas péssimas condições sanitárias, e onde o ajuntamento de dezenas de milhares de soldados era capaz de produzir várias toneladas de fezes a cada dia. Por vezes foi necessário abandonar um acampamento e buscar um novo lugar para abrigar as tropas, onde o terreno oferecesse melhores condições de drenagem e acesso a uma fonte de água potável. Ao final, a febre tifoide transformou-se na maior causa de mortalidade entre os soldados norte-americanos durante aquela guerra, muito embora a febre amarela, a disenteria e a malária também tenham dado parcela significativa de contribuição para aquele flagelo sanitário. A proporção entre as mortes provocadas por doenças em relação àquelas associadas aos ferimentos de batalha girou ao redor de 7:1.[11]

Aqui nos referimos a outro problema. A falta de latrinas, ou a existência delas em quantidades insuficientes. Sem contar que as próprias quando existiam, eram feitas de tal forma, que elas mesmas poderiam acabar sendo um vetor de transmissão de doenças. O memorialista Albuquerque Bello, cujo relato traremos mais a diante, é quem dá uma descrição de como eram as latrinas na Guerra do Paraguai. Orlando escreve o seguinte a respeito deste problema sanitário:

> Agora, com a melhor compreensão do contexto em que se encaixavam a Medicina, os médicos e outros profissionais de saúde daquela época, vamos tentar desvendar que condições sanitárias seriam, afinal, tão deploráveis a ponto de se converterem em armas com poder de fogo mais mortífero que o do próprio inimigo. Resposta simples e direta: as latrinas, por exemplo, ou melhor, a falta delas! [...] Antes de qualquer coisa, vamos deixar claro que privadas, quando existiam, eram nada além de simples valas compridas cavadas na terra, que, em geral, ficavam bastante próximas das tendas dos soldados. Como a regra de cobrir diariamente os dejetos com terra muitas vezes não era observada, a fetidez resultante acabava afugentando os próprios usuários. Assim, a alternativa mais conveniente era mesmo buscar a moita mais próxima e aconchegante, com a vantagem adicional de oferecer mais privacidade ao usuário![12]

As condições sanitárias também eram responsáveis pelos diversos problemas digestivos que acometiam os militares. Muitas mortes eram causadas ou mesmo apressadas por disenterias, diarreias e outras doenças contraídas pela ingestão de alimentos estragados ou mesmo devido à falta de higiene no preparo dos alimentos, bem como dos locais onde eram preservados.

---

[11]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*
[12]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*

> A assustadora prevalência de infecções gastrointestinais estava também intimamente relacionada às condições de preparo das refeições, em que o esmero com a higiene não era exatamente um cartão de visita nas cozinhas de campanha. Os cozinheiros do exército não se arriscariam a fixar um daqueles avisos que, confiantes, convidam os clientes: "Visitem nossa cozinha".[13]

Sobre as condições sanitárias, outro problema apontado por Orlando era realmente a limpeza dos soldados. A sarna pode ser a princípio, considerada apenas um incômodo para os homens nos campos de batalha. Ocorre que ao se coçarem, os soldados abriam feridas que os tornavam mais vulneráveis ao contágio de outras doenças. As condições higiênicas assumiam assim, mais uma vez, o protagonismo na guerra. O citado autor menciona evento ocorrido nas guerras de independência dos Estados Unidos.

> Conta-se que durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos havia que se fazer uma difícil escolha: usar o enxofre para fabricar pólvora e abrir fogo contra os ingleses ou tratar a sarna dos soldados (que não sabiam se atiravam no inimigo ou ficavam se coçando!).[14]

As condições sanitárias na Guerra do Paraguai

Mas o que foi a Guerra do Paraguai? Basicamente podemos dizer que a Guerra do Paraguai foi um confronto envolvendo exércitos do Brasil, da Argentina, do Uruguai e o do Paraguai e, de certo modo, foi, ao mesmo tempo, parte da guerra civil uruguaia e argentina. Entretanto, devemos ter em mente que não foram nações que se enfrentaram, mas sim, exércitos nacionais em obediência aos governos que não eram porta-vozes diretos de suas populações e, em alguns casos, sequer da totalidade de suas classes dominantes. No Brasil tínhamos um Império onde uma enorme parte da população, sobretudo trabalhadora, vivia escravizada e o voto era censitário – no Uruguai e na Argentina, havia uma forte divisão social no tocante ao apoio dos imperiais e ao Paraguai. Também podemos concluir que foi o maior confronto envolvendo os países latino-americanos apenas pelo tempo de duração (1865-1870).

Na definição do historiador Ricardo Salles, ela foi:

> A guerra do Paraguai foi o conflito em larga escala de maior duração no continente americano, superando inclusive a guerra de Secessão nos Estados Unidos. Teve a duração total de quase seis anos, estendendo-se de 11 de

[13]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*
[14]ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**. *Op Cit.*

> novembro de 1864 (tomada do vapor Marquês de Olinda pelos paraguaios) a 1 de março de 1870 (morte de López em Cerro Corá).[15]

Sobre as condições sanitárias, no que se refere à alimentação e à água bebida pelos militares, o autor Francisco Doratioto escreveu que "Essa tropa, fatigada pelas longas marchas, sofria com as condições sanitárias do Exército, devido à utilização de água poluída, que causou diarreia em grande número de soldados; a diarreia, aliás, foi causadora de muitas mortes na guerra."[16] Neste cenário, as enfermidades e as péssimas condições sanitárias, além da fome, tornam-se inimigos a serem enfrentados, além dos declarados. A historiadora Maria Teresa Garritano Dourado, em seu artigo Doentes e famintos: cotidiano de um soldado na Guerra do Paraguai (1864-1870), publicado nos Anais da ANPUH em 2011, escreve que:

> É claro que se deve considerar que a presença de enfermidades nos campos de batalhas foi também o produto das extremas condições de vida, das exposições de soldados e civis ao clima, da falta de medicamentos, de alimentos; que causou desnutrição e, portanto, propensão a doenças, assim como outras carências que se impuseram durante a guerra. A aparição de pestes tampouco pode atribuir-se à casualidade. A escassa alimentação, os milhares de cadáveres insepultos, as más condições higiênicas, a enorme quantidade de bactérias que assolavam o acampamento e campos de batalha contribuíram para a imensa mortandade que existiram durante a campanha. A longa lista de motivos para a expansão de enfermidades e pestes deve juntar-se ao grave dano do sistema ecológico e ao equilíbrio natural que se efetuou com a presença de grande quantidade de pessoas que se deslocavam incessantemente pelos pântanos, pelas matas e bosques, penetrando no habitat natural dos agentes transmissores de doenças.[17]

Temos de considerar que na Guerra do Paraguai, além das condições citadas acima, havia problemas com as acomodações e até mesmo com os navios de guerra, como será possível ler nos depoimentos dos memorialistas e nos diários. Embarcações que potencializavam a proliferação de doenças, além de não possuírem barracas e demais espaços que lhe proporcionassem uma melhor qualidade de vida.[18] Os comandantes tinham entre suas preocupações, o enterro dos mortos, a limpeza dos acampamentos e dos navios, bem como a necessidade de enterrar os resíduos e outros materiais. Os mortos em combate acabavam sendo jogados nos rios, entrando em putrefação e representando uma ameaça aos acampamentos estacionados em locais próximos pela contaminação das águas. Junte-se a isso,

---

[15]SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 9.
[16]DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 120
[17]DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Doentes e famintos**: cotidiano de um soldado na Guerra do Paraguai (1864-1870). ANPUH, São Paulo, 2011, p. 2.
[18]Cf. DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A História esquecida da Guerra do Paraguai**: fome, doenças e penalidades. (Dissertação de Mestrado) São Paulo USP, 2010, p. 67

os resíduos produzidos pelos acampamentos não enterrados de maneira correta. Com isso, os soldados acabavam contraindo doenças infecciosas, como disenteria, diarreias e a cólera.[19]

Ainda seguindo o que escreve a historiadora Maria Teresa Garrittano Dourado:

> De fato, orientados pelo conhecimento científico da época e sabedores que a bactéria causadora da infecção intestinal era eliminada pela diarreia no ambiente, contaminando a água e alimentos ingeridos pelos soldados e fazendo com que a doença se alastrasse, os comandantes dos vários exércitos e navios emitiram ordens do dia determinando procedimentos para efetuar a limpeza dos acampamentos de navios militares. Tarefa difícil de executar diante do número de soldados confinados em navios, acampamentos insalubres, da rapidez da contaminação, diagnósticos e consequente morte, pois o contato de pés e mãos com objetos ou substâncias contaminadas pelas bactérias e a relação próxima dessas mãos com a de outros soldados e com alimentos levados à boca provocavam rapidamente diarreia. O modo preferencial de transmissão se fazia através da ingestão de água ou alimentos contaminados por fezes ou vômitos do doente.[20]

A cólera não foi a única moléstia contagiosa a causar baixas entre as tropas em operações no Paraguai. A historiadora Marlene Menezes Vilela em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte:* a ocasião da varíola em Cuiabá (1867) escreve que após a batalha do rio Alegre, dentre doentes e feridos, foi observado que a varíola grassava epidemicamente em Cuiabá. Quando os combatentes regressaram, trouxeram para a província, a epidemia junto.[21] Sobre o surto de varíola, Luiz de Souza Castro em seu livro *A medicina na Guerra do Paraguai*, de 1971, escreve que tendo sido trazida pelos europeus quando da chegada dos portugueses em 1500, o citado autor menciona que o surto desta moléstia teria se alastrado a partir dos corpos de voluntários vindos do Amazonas. O primeiro foco de varíola do exército teria sido Campinas. Posteriormente, nos relatos dos memorialistas, o tenente-coronel Albuquerque Bello demonstra também sua preocupação com relação aos soldados contaminados que colocariam em risco os sãos. No trecho que segue, escreve Souza Castro:

> Em Campinas, surgia o primeiro surto de varíola da Expedição que atingiu, principalmente, os componentes do Corpo de Artilharia do Amazonas, incorporados à Coluna, nesta cidade, em 15 de maio de 1865, constituído de apenas 33 praças. Os soldados variolosos foram alojados e tratados em uma

[19]Cf. DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A História esquecida da Guerra do Paraguai**: fome, doenças e penalidades. (Dissertação de Mestrado) São Paulo USP, 2010, p. 78.
[20]DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A História esquecida da Guerra do Paraguai:** fome, doenças e penalidades. (Dissertação de Mestrado) São Paulo USP, 2010, p. 79
[21]Cf. VILELA, Marlene Menezes. **Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte**: a ocasião da varíola em Cuiabá (1867). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2001, p. 57.

> enfermaria de isolamento, instalada por iniciativa da Câmara Municipal, cuja localização não conseguimos identificar.[22]

A situação acabaria sendo melhorada com a posterior ação de imunização, que ocorreria posteriormente, graças ao trabalho do chefe da Saúde Pública de Mato Grosso. O Dr. Francisco Antônio de Azeredo, chefe de saúde pública no Mato Grosso observou em uma localidade chamada Curralinho, que aparecerem pústulas de varíola em vacas. Mandou, em seguida, o segundo cirurgião, Dr. João Adolfo Josetti ao local, que trouxe lâminas e pessoas inoculadas. O segundo cirurgião da armada, Dr. Augusto Novis seguiu até quinze léguas da capital, com lâminas, inoculando as pessoas. Sendo assim, o serviço de saúde do Mato Grosso seguiu, com seus profissionais rio a cima e a baixo, imunizando as pessoas com a vacina. Com este trabalho preventivo, mais de 500 pessoas foram imunizadas.[23] O autor Sidiney Chaloub em seu livro *Cidade febril*: cortiços e epidemias na corte imperial, de 1996 destaca as péssimas condições sanitárias na capital do Império. Como um todo, elas contribuíram para a propagação de enfermidades, como a varíola, a febre amarela, a cólera, a malária, dentre outras.

> As autoridades médicas encarregadas do combate à epidemia de 1850 foram um tanto ecléticas em sua interpretação teórica das causas da febre amarela – ou "epidemia reinante", como preferiam dizer eufemisticamente. Os doutores pareciam endossar os infeccionistas quando enfatizavam que o surgimento da moléstia se devia, em primeiro lugar, à negligência geral em relação às condições sanitárias da capital. Havia pântanos malcheirosos e poças d'água imunda estagnada ("águas servidas") por toda parte, as praias exalavam fedor proveniente de detritos domésticos em decomposição, carcaças de animais mortos apodreciam nas ruas, fator agravante do caos higiênico naquela quadra, o verão se apresentava ainda mais quente e úmido do que o habitual, mas sem as fortes chuvas e trovoadas que são comuns no Rio nessa época.[24]

Passemos agora a abordar os testemunhos dos memorialistas e dos diários da Guerra do Paraguai. Para iniciar a discussão, é citado o sistema de recrutamento como um dos problemas a ser enfrentado. Para Azevedo, a forma como o recrutamento era feito podia potencializar o surgimento de doenças. Conforme podemos ler:

> O sistema de recrutamento em nosso país, questão importante, e que merece atenção dos governos de todos os países, é indubitavelmente uma das mais notáveis causas de moléstias, e sobre a qual a higiene deve exercer toda sua influência. Partidários, como somos, da inscrição marítima, criada pela

[22]SOUZA, Luiz de Castro. **A medicina na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro, 1971, p. 391.
[23]Cf. SOUZA, Luiz de Castro. **A medicina na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro, 1971, p. 121-122.
[24]CHALOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.66.

> inteligência calma, refletida de Colbert [ministro francês], sentimos, que não seja aceita no Brasil de preferência ao recrutamento forçado.[25]

O médico, autor do livro, escreveu sobre a ambientação do recrutado ao clima no Paraguai. É importante lembrar que o Brasil é um país continental, que apresenta diversos climas. Sendo assim, os soldados que vinham das regiões mais quentes do país, no inverno, tenderiam a enfrentar grandes problemas principalmente devido às temperaturas muito baixas. "[...] observamos na campanha do Uruguai, que marinheiros nascidos em zonas diversas do Brasil, onde o clima era diferente em relação ao Paraguai, ocupavam constantemente as enfermarias [...]."[26] O clima adverso causou ainda mais problemas devido ao vestuário dos soldados, que não era adequado. Tampouco, os acampamentos eram próprios, fazendo com que soldados que não fossem habituados ao clima e ao terreno, acabassem perecendo devido ao frio e à humidade. O historiador Ricardo Salles em seu livro *Guerra do Paraguai*: escravidão e cidadania na formação do exército, de 1990, escreve que:

> Mesmo os efetivos que chegavam das outras províncias brasileiras não escapavam à improvisação geral. Para os gaúchos veteranos, eram todos baianos, não afeitos ao pampa e ao minuano [...] Havia uma diversidade incrível de uniformes, quando havia algum. Não era apenas um problema de aparência, mas de vestuário adequado para as condições de clima e terreno. Já citamos o fato de que, durante a invasão do Rio Grande do Sul, soldados brasileiros combatiam praticamente nus e armados apenas com lanças. [...]Acampava-se ao relento ou em precárias barracas, em terreno plano, sujeito a inundações devido às fortes chuvas. O frio era intenso e a tropa não dispunha de proteção adequada contra ele.[27]

Além da assepsia e da melhora das condições sanitárias, além de um cuidado maior com a água que os soldados bebiam e com os alimentos, também havia a necessidade de evitar o contágio de doenças. Dessa maneira, seria imperioso fazer com que houvesse uma espécie de "quarentena" para os soldados que chegavam, sobretudo para todos os que houvessem manifestado quaisquer sintomas de doenças epidêmicas. Destaca-se a cólera, que era se não a mais temida, era certamente uma das mais, pois um dos maiores motivos de baixas entre os militares de todas as bandeiras. Mas havia ainda outras doenças, como tifo, febre perniciosa, escorbuto, etc. Segundo podemos ler no trecho do diário do exército: "28 de agosto de 1867 [...] S. Ex. deu ordem, para que as praças vindas neste transporte e em outros, que de hoje em

[25]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguai e Paraguai**. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1870, p.123
[26]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 125.
[27]SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai** [...] *Op. Cit.,* p.77.

diante chegassem, entre os quais se tivesse manifestado aquela epidemia, ficassem em quarentena no Passo da Pátria."[28]

Foram tomadas providências para evitar uma possível contaminação dos militares presentes nestes acampamentos por aqueles que estavam chegando. Assim, determinou-se que houvesse uma quarentena para os recém-chegados que manifestassem sintomas de doenças. Analisaremos outro diário, do tenente-coronel Albuquerque Bello, publicado pelo Senado Federal em 2011, foi escrito durante a guerra, com as marcações dos dias, inclusive. Belo, assim como os outros, demonstra preocupação com as condições higiênicas e com a saúde dos soldados. Conforme podemos ler:

> Quarta-feira, 7 de junho de 1865. [...] Sendo o corpo de meu comando o que mais tem sofrido aqui de bexigas, neste exército, por não terem sido as praças vacinadas, e não sendo possível aqui extinguir-se esse mal; proponho a V. Exª para mandar o corpo para o Salto, onde havendo mais recursos pode-se vacinar o restante das praças que tem sido demasiadamente crescida no supradito corpo sob meu comando; proposta que espero V. Exª tomará na devida consideração.[29]

O tenente-coronel Albuquerque Bello, assim como Caxias, no trecho citado acima, se preocupa com a questão do contágio de doenças infectocontagiosas por parte dos soldados que chegavam ao campo de batalha. Se anteriormente vimos que Caxias solicitou que aqueles que haviam manifestado sintomas de quaisquer doenças permanecessem em isolamento, Bello reforça que no corpo sob seu comando, havia vários soldados com "Bexigas", que seria varíola. Sendo assim, Belo propõe enviar o pelotão para algum local onde seria possível vacinar aqueles que ainda não houvessem sido contaminados pela doença, já que não haveria meios de se extinguir esta moléstia nas condições em que eles se encontravam. Bello demonstra que as doenças já infectavam as tropas antes mesmo de elas chegarem ao campo de batalha. Antes mesmo de os soldados irem para a guerra, muitos deles já morriam no caminho, em virtude dos problemas de saúde causados pelas condições médico-sanitárias encontradas nos transportes e/ou nos acampamentos.

No livro sobre a história médico-cirúrgica, o autor menciona a carne consumida como um dos causadores de doenças do aparelho digestivo. Temos sempre que nos lembrar de que não havia adequados meios de conservação deste alimento, portanto, era comum o consumo de carne salgada. Conforme podemos ler no trecho que segue:

---

[28]**Campanha do Paraguai**: diários do Exército em operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. marechal-de-exército marquês de Caxias. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 91(145); p. 11-673, 1922, p. 341)

[29]**Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello**. Notas extraídas do caderno de lembranças sobre sua passagem na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2011, p. 59.

> Na história médico-cirúrgica da campanha do Uruguai, demonstramos os resultados nocivos da má alimentação, e comprovamos com dados estatísticos os inconvenientes dela, como causa de enfermidades graves. Dissemos que a carne verde era cotidianamente ministrada ao marinheiro, mas regulamentos de bordo determinam em certos dias a distribuição da carne salgada, sofrendo muitas vezes aquela no trajeto, que tinha de percorrer, para chegar à esquadra, e não admirava o desenvolvimento de moléstias do aparelho digestivo [...].[30]

Conforme podemos ler no supracitado trecho, o alimento muitas vezes era servido aos marinheiros após o transporte, onde não era garantida a boa conservação dos mesmos. Um dos meios de servir a carne era salgando-a, para que se conservasse por um período maior. Mesmo assim, é crível que, pelo que afirma o médico autor do livro, muitos marinheiros comeram carne em mau estado. Por isso, as enfermidades causadas pelo alimento. Enfermidades estas, muitas vezes, graves. Ou seja: a fome matava. Mas neste caso, o alimento contaminado, também. E mesmo sem estarem estragados ou contaminados, alguns alimentos podiam causar doenças. Afinal de contas, não podemos nos esquecer de que se trata de pessoas com organismos debilitados pela marcha ou mesmo por longos períodos sem ingerir comida. Outro problema evidente, não era apenas a contaminação dos alimentos, como a pouca variedade e isso acarretava carência de vitaminas. E é claro que a contaminação era um problema grave. Conforme Azevedo escreveu:

> [...] quando a esquadra esteve ancorada no Chimbolar, ou em Curuzu nesse espaço lúgubre das duas epidemias do cólera-morbo e escorbuto, reclamando pertinazmente a compra de alimentos em conserva e do fornecimento de vegetais, como minorativos de enfermidades, que desenvolviam-se, tendo-se conseguido, porém tarde, a distribuição da alimentação vegetal, que de Montevidéu, e do Brasil foi enviada.[31]

Conforme escrito pelo médico, a falta de vitaminas na alimentação dos soldados, fez com que doenças passassem a assombrar os soldados. Doenças como o escorbuto, causado pela ausência de vitaminas. Não havia a distribuição de alimentos vegetais, e quando havia, era em quantidades insuficientes. A cólera também foi uma das doenças que mais arrebatara vidas dentre os corpos militares. E ela se deveu em grande parte, ao consumo de alimentos contaminados e de água contaminada. O excesso de alimentos em conserva e de carne salgada também provocava doenças no trato digestivo, conforme o salientado pelos médicos do livro. Outro problema levantado foi a qualidade das águas bebidas pelos soldados em campanha. Citamos anteriormente o autor Francisco Doratioto que relata este problema. Analisando as águas do rio Paraguai, a comissão médica na guerra do Paraguai faz a seguinte analise: "Além

[30]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.132
[31]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.133

destas considerações, feitas pelo Sr. Pinho, quem tiver navegado por e.,tcs rios, observado a topografia destes lugares, reconhecerá, que estas aguas são causas predisponentes de enfermidades de sérios resultados."[32]

No verão, as temperaturas no Paraguai tendiam a ser muito elevadas. Soma-se a isso o fato de que os pelotões faziam longas e extenuantes jornadas, concluímos que eles acabavam bebendo as águas dos rios. E acabavam, se contaminando com essas águas, que eram a causa de moléstias. Moléstias estas graves e que acabavam por levar muitos soldados a óbito por diversas causas. Destacam-se epidemias como a disenteria, e a cólera. O autor destaca não somente que estas águas eram a fonte de muitas moléstias, como menciona o motivo de elas estarem contaminadas. Quais seriam os materiais de contaminação? Segundo podemos ler:

> Os rios Paraná e Paraguai são em suas margens divididos em pequenos arroios, e ilhotas, e por grande número de camalotes, que, destacando-se, oferecem um leito a substâncias vegetais, e animais em putrefação; sendo dotados de grande correnteza, são frequentes as submersões de indivíduos, e os cadáveres destes, bem como animais diversos, ficam presos a troncos de árvores, que existem nas margens do rio, levados pela correnteza, e ali caem em putrefação; além disto os paraguaios lançavam continuamente ao rio intestinos dos animais, que serviam para sua subsistência, tornando as águas ainda mais nocivas.[33]

Estas águas apresentavam árvores se decompondo e como tal, deixando substâncias na correnteza dos rios. Mas não é só isso. Animais morriam e acabavam sendo jogados nos leitos dos rios. Homens morriam afogados ou seus corpos mortos eram atirados nas águas. E deixavam substâncias em putrefação, contaminando estes rios. Em vários trechos citados, leremos que são citados momentos em que soldados apanham água para beber em rios que apresentam cadáveres em estado avançado de decomposição nas proximidades. Nestas condições, o surgimento de epidemias como a cólera acabavam por assombrar exércitos. E como veremos, serão responsáveis por causar baixas entre batalhões. E quando não causavam a morte propriamente dita, na melhor das hipóteses, retirava gente dos campos de batalha, pois os doentes eram enviados ao Rio de Janeiro para se tratarem.

O autor do livro analisado neste momento ainda destaca que as autoridades até tentavam minorar os problemas causados pelo consumo de água dos rios locais. E como faziam isso? Com uma espécie de limpeza destas águas. Segundo Azevedo:

> Nos navios da esquadra procurava minorar-se a influência perniciosa delas, e preparavam-se sacos de lona, onde depositavam-na, ou a conservação em

[32]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.136
[33]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* pp.136-137

> tanques, para depois fazerem dela uso, desembaraçando-se deste modo de alguns corpos estranhos, que pudessem conter, tornando-se então menos turva, contudo os marinheiros pouco respeitavam este processo, e imprudentemente bebiam a água do rio, sem considerarem nos efeitos, que poderiam resultar, apesar das observações dos médicos, e das autoridades de bordo.[34]

Sim, havia a tentativa de tratamento das águas para procurar eliminar corpos estranhos que pudessem ser ingeridos pelos marinheiros e demais soldados, com o objetivo de diminuir as moléstias causadas pela ingestão de água contaminada. Mesmo assim, a filtragem citada no livro, buscava apenas eliminar corpos físicos ou sujeiras da água. Mas a primeira questão que temos é: o quanto esta filtragem era eficiente na eliminação dos vestígios deixados pela putrefação de corpos animais e humanos que apodreciam dentro das águas? Além do mais, é citado outro problema. Os soldados não chegavam a respeitar o processo de tratamento da água para beberem, recorrendo às águas nos leitos dos rios, agindo à revelia das autoridades médicas e sanitárias. Sendo assim, mesmo contrariando as ordens médicas, eles acabavam bebendo água dos leitos dos rios e assim, se expondo às doenças epidêmicas que, acabavam sendo fatais. Temos também o livro de José Luis da Silva, intitulado *Recordações da campanha do Paraguai*. Este autor foi um dos que mais enfatizou os problemas enfrentados pelos militares, sobretudo, um crítico duro das medidas adotadas pelos políticos que comandavam a guerra do Paraguai e a forma como o país era conduzido. Ele também destaca o ambiente pouco salutar, onde se observava a existência de cadáveres nas linhas de combate, inclusive, mencionando o fato de eles estarem em "decomposição avançada". E ainda relata que era possível ouvir os soldados inimigos matando os mosquitos, deixando claro que era grande a presença destes insetos.

> Nos lugares secos, sacos de areia sobrepostos; nos úmidos, chapas de ferro da espessura de um centímetro serviam de abrigo passageiro às sentinelas, rendidas de hora em hora, às vezes, em menos tempo, tal a exalação pútrida e deletéria de cadáveres em decomposição adiantada, nunca sepultados, por se acharem entre as duas linhas beligerantes. A distância de uma a outra era tão curta, que se ouvia distintamente os paraguaios baterem no rosto para matar mosquitos.[35]

Silva também escreve sobre os cadáveres apodrecendo no local onde eles estavam. Inclusive chega a descrever como eles estavam. Inchados, olhos esbugalhados entre destroços de veículos e com peças de armamentos. Chega ao ponto de descrever a cena em que um

[34]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 137
[35]SILVA, José Luis da. **Recordações da campanha do Paraguai**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. 52

oficial teve de cavar a sepultura para enterrar seu irmão. Colocamos a baixo o trecho nas próprias palavras do militar:

> Horrorizava, afligia o coração, encarar o campo do combate de 16, quando ocupamos a posição: cadáveres de homens e animais, disformemente inchados, olhos esbugalhados, aqui e ali em várias atitudes, muitos aos pedaços, veículos destruídos, peças de armamento, bonés, arreios por toda parte, tudo em pronunciada promiscuidade. O Tenente Parrot, na ocasião empunhando uma enxada, ele próprio cavava a sepultura do irmão, a seu lado, partido ao meio na refrega.[36]

E quando nos referimos a doenças epidêmicas, sempre temos de pensar no contágio. E o que favorece o contágio? A aglomeração de pessoas. O autor relata os problemas da aglomeração de gente como um dos elementos que potencializa a transmissão de doenças.

> Vimos, que a acumulação só por si produzia moléstias de caráter grave, admitindo-se, que guarnições gozassem até certo ponto de salubridade, acrescentemos agora às considerações, que fizemos, os doentes, que cotidianamente existem a bordo, e que propagam o elemento mórbido aos companheiros, e reconheceremos, que uma das principais causas de enfermidade é inquestionavelmente o acúmulo de praças em maios número do que aquelas, que os preceitos da higiene naval prescrevem.[37]

Há um texto dentro do livro intitulado *Narrativas militares*, de 1878, denominado *Vingança de um recruta*. Entretanto, há alguns textos, aparentemente de outros autores. Este, seria de um recruta baiano, que fora incorporado nos batalhões de Voluntários da Pátria. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa. Mas não fica claro se trata-se de um texto escrito por algum soldado real ou uma figura fictícia. Entretanto, apesar de não termos exatamente certeza de tratar-se de um caso real, reconhecemos ser esta narrativa verossímil. Conforme podemos ler, é escrito como era a embarcação dos voluntários e as condições em que eles viajavam.

> Ali embarcamos de uma vez para o Paraguai num vapor que era um mundo, mas onde a gente ia que nem sardinha em tigela. Mas, enfim, como ainda não tinham aparecido aquelas moléstias que a bordo fizeram depois tanto cidadão esticar a canela, sem que o cirurgião soubesse ao certo, se tifo, cólera morbo ou febre perniciosa, o geral parecia mais ou menos contente, embora alguns se queixassem.[38]

O que o autor quer dizer? Basicamente que havia nos navios de guerra, uma lotação maior de pessoas do que recomendavam os preceitos de higiene, ou como recomendam as

[36]SILVA, José Luis da. **Recordações** [...] Op. Cit., p.60
[37]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier**. História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 140
[38]DINARTE, Silvio. **Narrativas Militares**, B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1878, p. 96-97

autoridades sanitárias. E qual a consequência que se observa? Ora, a aglomeração de muitas pessoas dentro de navios, havendo a mistura de doentes e sadios, onde o ar respirado por todos é o mesmo. E isso favorece o que? A propagação de elementos mórbidos, nas palavras do autor. Ou seja, a contaminação de doenças epidêmicas. O acúmulo de praças dentro dos navios era então considerado um dos elementos propagadores destas doenças que viriam a causar baixas dentro dos corpos militares. Azevedo escreve sobre este assunto: "A aglomeração das praças sãs, e doentes vinham reunir-se, como causa de moléstia as infecções [...], ou espécies de infecção náutica, representando importante papel no quadro nosológico das enfermidades, que inutilizaram muitas praças na campanha do Paraguai."[39]

Seguindo o raciocínio apresentado no trecho anterior, o autor destaca a potencialização da contaminação dos efetivos militares no que diz respeito ao efeito das aglomerações de pessoas, onde os doentes acabam infectando até mesmo o ar respirado pelos demais soldados. E os efeitos desta contaminação acabaram por se sentir na campanha da guerra. Outra questão que será debatida pelos médicos, e que está presente neste livro é sobre as embarcações onde os soldados permaneciam no período de guerras. Segundo podemos ler:

> Todos, que se tem dedicado ao estudo da higiene naval, compreendem que as madeiras representam muito na maior ou menor salubridade do navio, e em nossa opinião concorreram para o aparecimento de certas moléstias, que observamos de preferência em navios encouraçados.[40]

Há uma ampla discussão neste livro a respeito da utilização dos navios construídos e madeira ou os feitos a partir de estruturas metálicas. Neste pondo, o autor destaca que o material empregado na construção do navio era em parte responsável pela disseminação de moléstias. Destaca-se o fato de que a madeira, como sendo material orgânico, acaba entrando em decomposição e com isso. E assim, acabar não só contaminando alimentos, como inclusive o ar respirado pelas tripulações. E é exatamente a essa contaminação do ar por substâncias exaladas pelos materiais orgânicos (no caso, a madeira), que o trecho a seguir se refere: "O miasma nascido da putrefação de substâncias vegetais, e da madeira, produz uma grande diversidade de produtos patológicos em consequência de sua decomposição."[41]

Ou seja, trata-se do fato de os militares presentes nestas embarcações respirarem o ar contaminado pelas substâncias exaladas pela madeira em contato com as águas dos rios e como isso acabava por causar doenças. Doenças que é claro, viriam sempre a causar baixas, fossem elas temporárias ou mesmo em definitivo nas tropas.

---

[39]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 141
[40]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.142
[41]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* pp.144-145

O Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier Azevedo, assim como muitos outros médicos, segundo Sidney Chaloub, encontra-se entre os que acreditavam que doenças endêmicas, como a febre amarela podia ser contraída segundo infecção. Por este pensamento, esta e outras doenças do aparelho respiratório, eram contraídas através da exalação de miasmas "mórbidos", que seriam provenientes da decomposição de substancias animais ou vegetais.[42]

Azevedo ainda vai descrevendo outras características dos navios que favoreciam o aparecimento e a propagação de doenças. Segundo o trecho que segue:

> Nos navios encouraçados a insuficiência da luz solar, reunida ao calor contínuo produzido pela máquina, estando sempre alimentada, a falta de cômodos para a guarnição, o pouco caldo dos encouraçados, conservando-se muito mergulhados, a pouca ventilação, vinham tornar-se mais frequentes as moléstias.[43]

Sendo assim, além do material utilizado na construção das embarcações, se levanta também a questão sobre os projetos dos navios. São levados em consideração quesitos como a iluminação, a ventilação, a quantidade de cômodos, dentre outros fatores para a conservação da salubridade nestas embarcações. Como já mencionado em parágrafos anteriores, a falta de ventilação faria com que o ar viciado, seja pelos supostos miasmas expelidos pela madeira, seja pela circulação por infecções existentes entre soldados doentes, faria com que aumentasse o número de doenças infecto contagiosas entre os marinheiros. Assim, havia sempre o risco do aparecimento de epidemias entre os pelotões militares.

Ainda é destacada a qualidade da alimentação das tropas durante as manobras militares. Sobre este ponto, Azevedo escreve que:

> A guerra, feita em país longe dos centros comerciais, reclamava que existissem grandes depósitos de carne salgada, ou preparada para alimentação das praças da esquadra; carnes, que eram conservadas nos paióis de mantimentos, paióis, que em alguns navios, principalmente nos encouraçados, eram pequenos e insuficientes para recebê-las. A alta temperatura, que observa-se nestes compartimentos mais baixos do navio, produzia a pronta putrefação, sendo necessário em pouco tempo deitá-las ao rio. Reconhecem-se também no navio a presença de certos insetos, cujas larvas alteram o ar, em consequência da elevada temperatura, e da umidade própria do navio [...].temperatura, e da umidade própria do navio [...].[44]

O médico destaca que havia o depósito de carne salgada. E isso era um grave problema. Esta carne ficava em depósitos que não tinham o tamanho adequado, que não mantinham as temperaturas adequadas. Como resultado, estas carnes acabavam por estragar rapidamente,

[42]CHALOUB, Sidney. **Cidade febril** [...] *Op. Cit.*, p. 64
[43]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 147
[44]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 148-149

entrando em estado de putrefação, necessitando ser descartadas, ou seja, como escrito no trecho supracitado, jogados aos rios. E para refrescar nossa memória, estas peças de carne jogadas nos rios, iriam ser futuramente, mais fontes de contaminação. E não é só isso. As carnes estragadas acabavam por se tornar um foco de insetos e larvas, tendo em vista as altas temperaturas dentro destas embarcações a umidade. Tudo isso, tinha por consequência, a piora nas condições de salubridade destes navios e por extensão, acabava por atingir a saúde das tripulações.

Saindo um pouco da discussão a respeito dos navios, mas adentrando mais na discussão a respeito da água consumidas pelos soldados, é apresentado um quadro muito sinistro após uma batalha. "Horrível era o quadro, que presenciamos no campo, onde deu-se a batalha, centenas de cadáveres paraguaios, em completa putrefação, achavam-se disseminados em todos os pontos, no meio de pântanos e lagoas; bebendo nossos soldados água imunda dessas lagoas."[45]

Como já mencionado anteriormente, cadáveres acabavam indo parar dentro dos rios. E com isso, entravam em putrefação e contaminando as águas. Águas essas que seriam consumidas pelos soldados, quer aliados, quer paraguaios. E acabavam disseminando as mais diversas doenças. O autor do livro em questão traz um extenso estudo a respeito de qual navio seria mais adequado utilizar: os de madeira ou de materiais metálicos. A respeito desta questão, podemos ler o seguinte:

> A umidade, e o calor tem sido sempre considerados causas poderosas de moléstias; e a tal respeito não sustentam paralelo os navios de ferro com os de madeira, porquanto, tendo o ferro grande avidez para a umidade, e por outro lado sendo um dos metais melhores condutores do calórico, necessariamente calor, e a umidade serão mais consideráveis nos primeiros, do que nos de madeira; e por conseguinte mais insalubres do que estes, cujas outras causas de moléstias não deixam de atuar da mesma forma em navios de ferro. E se nos referirmos a um navio encouraçado subirá de ponto a sua desvantagem a tal respeito, porquanto a estas causas deveremos adicionar a falta de renovação do ar, que nele mais se faz sentir, do que em qualquer outro navio, visto ser um dos preceitos de sua construção, oferecer o menor número de aberturas para o exterior, resultando disto serem as diversas peças mal ventiladas, e escuras, não falando já do obstáculo, que opõe à ventilação do navio a torre giratória, ou a casamata, colocada à meia nau.[46]

O que podemos entender: ambos navios têm desvantagens. Os navios em madeira teriam o problema de exalarem os ditos miasmas da madeira em decomposição, que afetaria a saúde dos marinheiros. Entretanto, os navios construídos com materiais metálicos, teriam o

[45]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 150-151
[46]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 482-483

problema de acentuarem demasiadamente as alterações na temperatura. Isso se daria pelo fato de o metal ser muito mais eficiente na condução de calor. Outro problema seria o aumento da umidade no interior destas embarcações, uma vez que o metal seria mais propício a isso. Ainda teria o problema da falta de ventilação, que nos navios construídos com materiais metálicos seria um problema mais crônico que nos navios de madeira. O autor parece mais inclinado a indicar a maior utilização dos navios de madeira. Seguindo a discussão a respeito dos materiais utilizados na construção dos navios, podemos ler o seguinte:

> Objeta-se entretanto, que os navios de madeira oferecem o desenvolvimento de animais, que, putrefazendo-se, concorrem para a sua insalubridade, entretanto os encouraçados, raras vezes, deixam de ter duplo revestimento, sendo a camada de madeira mais concêntrica, e pois a tal respeito estão nas mesmas condições do seu antagonista, e se os detritos orgânicos [...] são engendrados, de preferência nos navios de madeira [...] muito mais insignificante é a ação desta causa na produção das moléstias, se compararmos com a umidade, o calor e falta de renovação de ar, cuja ação é manifestamente superior nos encouraçados à que deve exercer em navios de madeira.[47]

Assim, podemos ler que os navios em madeira apresentam o problema de desenvolverem "animais". Deve o autor estar ser referindo a vermes presentes na madeira. Presença esta aumentada com o calor e a umidade, que poderiam causar doenças. Em tese, os navios construídos com materiais metálicos não teriam este problema, mas o autor faz uma ressalva. Mesmo os navios metálicos possuem duplo revestimento, sendo um deles em madeira. Sendo assim, eles também estariam sujeitos a este malefício, que é a existência de vermes desenvolvidos na madeira. E vai além, que este desenvolvimento seria ainda maior nos navios metálicos, uma vez que o calor neles é maior, além de serem mais úmidos e apresentarem uma menor circulação de ar. Dessa forma, eles seriam até piores que os navios de madeira neste aspecto. O autor segue explicando:

> E ainda a água do rio, e a alimentação unidas à endemia, a que presto grande consideração para explicar os casos de diarreia, que ao princípio fizeram tantas vítimas, e que diminuíram (sem ter cessado) depois que a guarnição a elas se habituaram, e que alguns comandantes zelosos da saúde de seus comandados, fizeram encher os tanques da aguada, obrigando assim as suas guarnições a beberem, depois de estar alguns dias depositada, e uma prova é, que os oficiais, que são mais cuidadosos em prover-se de melhor água, e de boa alimentação, mesmo porque dispõem de meios pecuniários, que o marinheiro não dispõe, pouco sofreram.[48]

[47]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 483-484
[48]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 489

O médico Azevedo segue escrevendo no livro que se por um lado, os soldados que tinham para beber apenas a água contaminada, continuavam sendo expostos a epidemias como a diarreia. Epidemias essas que faziam vítimas, desfalcando as forças militares. Por outro lado, o médico procurou comprovar através de suas observações, que aqueles que podiam se prover de melhor água para o consumo, eram menos afetados por moléstias. Podemos considerar que muito disso se deveu à falta de disciplina dos soldados, bem como à falta de organização por parte dos oficiais e do governo com relação aos pelotões militares.

Voltando ao tema do material usado para a construção do navio, Azevedo discorreu da seguinte forma:

> O emprego dos bons materiais na construção de um navio muito contribui para a salubridade dele; do pouco cuidado na escolha dos elementos, que entram nas construções navais, e principalmente da má escolha das madeiras, tem resultado o aparecimento de moléstias em navios, onde não eram elas esperadas pela observância a bordo de muitos preceitos aconselhados pela higiene [...].[49]

Menciona-se ainda a arquitetura dos navios nos quais ficavam aquartelados os marinheiros da esquadra naval brasileira.

> Uma coberta estreita, mal ventilada, o acúmulo de grande número de pessoas a absorverem o carbono exalado, um ar assim por tanto modo viciado, um enorme fogão aceso constantemente, as mudanças bruscas de temperatura para aqueles, que dormem sobre o convés, e igualmente para todos pelas circunstancias meteorológicas, a falta de um bom regime dietético, e de distrações aos trabalhos afanosos da guerra; eis aqui as causas, que juntamente com outras, que irei apresentando, tanto têm influenciado sobre o desenvolvimento dessas moléstias.[50]

O autor estuda aqui o desenho arquitetônico dos navios e como este ajudava a propagar doenças. Mal ventilados, superlotados, com altas temperaturas, sujeitos à mudanças bruscas de temperatura e pessoas dormindo no convés, combinando estes fatores com uma má alimentação, tudo isso influenciava para o surgimento de doenças. E como salientamos no presente trabalho, todos estes fatores levavam ao perigo de aumentarem as mortes durante a guerra. Por fim, ainda destacar o comportamento dos soldados que facilitava ainda a disseminação de doenças. "A ignorância dos nossos soldados, o abandono, a que se entregam, logo que se sentem doentes, o nenhum caso, que fazem das cautelas, que se devem tomar,

[49]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.492
[50]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.511

como preventivas às moléstias contagiosas, tem também por muitas vezes frustrado as minhas medicações."[51]

Outra questão importante a ser levantada diz respeito à disparidade de idade dos recrutados, havendo jovens saindo da adolescência e pessoas de uma certa idade. O autor escreve que:

> Os transportes de guerra, que do Brasil partiam com tropas, ou com marinheiros para servirem na Esquadra, conduziam-nos de todas as idades, e simultaneamente eram distribuídos pelos navios de 17 e 18 anos, com velhos de 50 e mais anos, resultando, que ou aqueles adquiriam moléstias, que os conduziam ao túmulo, ou estes nos primeiros dias de sua habitação em um navio de guerra, tornavam-se incapazes para o serviço ativo.[52]

Segundo o livro *Brasil*: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI, publicado em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e organizado por Adma Hamam de Figueiredo, a média da esperança de vida ao nascer no Brasil, no ano de 1900 era de 33,65 anos. Levando em consideração o sexo masculino, esta expectativa era de 33,28 anos, enquanto que entre as mulheres, seria de 34,05. A estatística aponta para um período de trinta anos depois da Guerra do Paraguai, entretanto, acreditamos que as condições de vida não teriam se alterado tão drasticamente, embora consideramos o fato de que a esperança de vida ao nascer nos anos 1860-1870 fosse ainda mais baixa. O que nos leva a crer que, conforme o Dr. Azevedo escreve, se havia militares na casa dos 50 anos, eles deviam ser realmente vistos pelos recrutas como verdadeiros anciãos.[53] Ainda havia que se ver que os recrutados muitas vezes acabavam se rendendo a comportamentos inadequados que poderiam prejudicar sua saúde. O autor Azevedo se refere a vícios que causariam "moléstias do baixo ventre". Principalmente se refere ao problema da embriaguez.

> Sendo o navio de guerra o núcleo de índoles, e caracteres diversos, que compartilham dos vícios, a que entregavam-se os marinheiros em sua vida anterior, fácil é a corrupção dos costumes, e procurando adorná-los de galas de virtude, pervertem os seus camaradas de armas, que docilmente reclinam-se, abraçando todas as torpezas [...] verdade esta, que pode ser confirmada pelos médicos militares no Brasil, que frequentes vezes têm de debelar moléstias das vísceras do baixo ventre em marinheiros, que têm por vício a embriaguez.[54]

[51]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.511
[52]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p.126
[53]FIGUEIREDO, Adma Hamam de (Org). **Brasil**: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016, p.45
[54]AZEVEDO, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier. **História médico-cirúrgica** [...] *Op. Cit.,* p. 126

Outra obra utilizada como fonte de nossa pesquisa foi o Diário do Exército, escrito durante o período em que o comando em chefe das forças aliadas esteve com o então Marquês de Caxias, mas editado publicado em 1922 pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e intitulado *Campanha do Paraguai: diários do Exército em operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. marechal-de-exército marquês de Caxias*. Encontramos nesta publicação, a preocupação com a qualidade da água ingerida pelos militares, bem como das condições de acomodação e da sua alimentação. "Domingo, 7 de julho de 1867. [...] Expediram-se as mais terminantes ordens para que no 1º e no 3º corpo de exército tratassem do asseio dos respectivos acampamentos a fim de evitar o aparecimento de quaisquer enfermidades, devidas ao estado de imundície que se observava."[55] Ou seja, foram tomadas medidas para que as condições sanitárias fossem melhoradas, tendo como finalidade evitar o surgimento de moléstias que pudessem comprometer o avanço das tropas, bem como causar baixas. Sobre este aspecto, o autor Francisco Doratioto também elucida como foi tratada a questão da assepsia dos acampamentos assim que se deu a chegada de Caxias para o comendo das forças brasileiras no Paraguai. Doratioto usa como fonte para tal afirmação, o livro do memorialista Dionísio Cerqueira, intitulado *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de 1980.

> Além de disciplinar a tropa brasileira no Paraguai, também era necessário oferecer-lhe melhores condições de higiene, reduzindo a mortandade decorrente de doenças. Somente com a chegada de Caxias cuidou-se seriamente da hospitalização, de ambulâncias, do vestuário apropriado, da higiene na alimentação e no asseio no acampamento.[56]

Apesar de seu posto de tenente-coronel, Albuquerque Bello demonstra empatia para com os soldados. Assim como no parágrafo anterior, se compadece com estes, fazendo até críticas para com os oficiais, que teriam melhores condições de aquartelamento, sem se importar, basicamente, com a sorte dos demais. Menciona as condições das embarcações onde se encontram os militares, sobretudo, pelo que se entende, os de baixa patente. Menciona as privadas (as latrinas, conforme foi destacado na citação de José Maria Orlando). Lembrando que estes cômodos podem ser fontes de contaminação de doenças. Conforme está escrito pelo próprio militar:

> Terça-feira, 19 de dezembro de 1865. [...] Se no Isabel estamos mal acomodados, neste Leopoldina não há explicação; só a ganância de alguns oficiais da armada, que esquecendo-se dos deveres de camarada e de fadigas,

[55]**Campanha do Paraguai** [...] *Op. Cit.,* p.54
[56]DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra** [...] *Op. Cit.* p. 282

> e de homem; aglomeram seus barcos da maneira que está o Leopoldina; eu que sou Tenente Coronel Comandante do corpo, estou no meio de cadetes e oficiais, sem ter um lugar onde mudar de camisa; se quero água o camarada vai com um copo escada e apanha no rio e me traz! A privada onde vamos fazer nossos serviços, é apenas uma pequena e imunda, tendo sempre um dentro e cinco a seis na porta a espera que se desocupe o beco; e para as praças, tem três buracos e constantemente sessenta e mais praças na porta à espera. Foram quatro dos meus oficiais a terra: o Capitão Pinto Borba, Tenente Barboza e Alferes Casimiro, vieram à noite e o escaler que conduzia eles virou-se sobre as rodas, mas felizmente não morreu nenhum por se ter acudido logo.[57]

Corroborando o que escreveu à época, o tenente-coronel, temos a menção às condições precárias dos acampamentos militares do historiador Mário Maestri:

> Além do desabastecimento relativo em gêneros alimentícios, as condições sanitárias da esquadrilha era péssima. No seu diário, de 1º ao dia 10 de junho, Barroso anotou a morte quatorze soldados e marujos motivadas por "caimbra de sangue", "diarréia de sangue", "meningite raquidiana", "gastro intestinal", "perniciosa", "diarréia", "colite aguda", "varíola confluente", "tuberculose pulmonar", "febre tifóide", "angina com caráter gangrenoso", "gastro-hepatite de natureza coleriforme", "congestão pulmonar". O vice-almirante mandara navio rio-abaixo levando os doentes mais graves e registrou seu verdadeiro desespero pelos conveses repletos de enfermos e os vazios deixados pelos mortos e doentes nas equipagens.[58]

Sendo assim, muitas eram as ameaças aos soldados. Ameaças essas que não eram visíveis, como os microrganismos presentes na água, a contaminação dos alimentos, o ar respirado com patógenos, a presença de pessoas contaminadas nos mesmo ambiente que pessoas sadias. Também havia a infiltração de inimigos no acampamento. Mas o que é o inimigo? Este inimigo entrava no acampamento sem ser visto. Entrava por debaixo das lonas, se alojava dentro das barracas, e até dentro das roupas dos soldados. Trata-se de insetos, aranhas, cobras e escorpiões. Albuquerque Bello menciona o seguinte:

> Sexta-feira, 12 de janeiro de 1866. [...] Amanheci melhor; o Benjamim me visitou. Pela manhã quando o camarada foi mudar a cama para debaixo de um caramanchão que tem junto à barraca encontrou uma cobra jararaca, ainda que pequena, havia dormido comigo! Estava muito bem enrolada debaixo do travesseiro [...].[59]

Bello ainda menciona outro problema, que era um elemento que causava a disseminação de elementos patógenos no meio dos soldados. A presença de cadáveres nas trincheiras. Não só homens mortos, como animais. E quanto tempo eles tinham de ficar nesses locais? Quantas

---

[57]**Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello** [...] *Op. Cit.* p.101
[58]MAESTRI, Mario. **Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai**: a campanha ofensiva (1864-1865). Passo Fundo: FCM, 2017, p. 335-336
[59]**Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello** [...] *Op. Cit.* p.107

horas eles tinham de permanecer em contato com estes cadáveres? Em que estado eles já estavam?

> Sábado, 26 de maio de 1866. [...] Ontem à tarde fui com o corpo cobrir o flanco esquerdo do exército, foi uma noite terrível que passei não só pela vigilância que tive a noite toda do inimigo na frente, como por estarmos colocados no meio de cadáveres! Que horror! Os homens mortos no meio de cavalos também mortos no combate de 24!

E outro problema até então não mencionado, aparece: a gangrena por congelação. Havia casos em que os soldados eram feridos e acabavam tendo de amputar os membros, em virtude de estes estarem congelados. "Segunda-feira, 13 de agosto de 1866. [...] Tive notícia que o Cordeiro cortou o outro pé pela gangrena em consequência de congelação."[60] No caso mencionado, este soldado foi ferido, tendo um pé amputado e posteriormente, o outro também precisou ser, pois acabou congelando. Sendo assim, os problemas apontados nas condições sanitárias seriam primeiramente, o contato dos soldados recém-chegados com os que estavam já nos acampamentos. Teria o perigo de os pelotões trazerem doenças contagiosas. O tenente-coronel Albuquerque Bello menciona a doenças de bexigas, que seria a varíola. E destaca ainda a importância de se arrumar um local para poder vacinar os soldados que ainda não contraíram a doença, uma vez que na embarcação não seria possível fazer este controle da doença. E Caxias chega a solicitar o isolamento ou o que chamamos de "quarentena" dos recém-chegados.

Outro problema abordado foi a presença de insetos, aranhas, cobras e escorpiões nos acampamentos. O próprio Bello menciona que quando se acordou, encontrou uma cobra embaixo de seu travesseiro. Também havia a "convivência" nas trincheiras de soldados vivos com cadáveres. Trincheiras onde os soldados ficavam de guarda, com a ameaça constante dos ataques inimigos. E enquanto ficavam sob esta tensão, ainda tinham de permanecer no meio de soldados e até animais mortos, já em estado de decomposição. Ainda não podemos nos esquecer que nos períodos de inverno, as temperaturas caíam demasiadamente, fazendo com que muitas vezes, os membros dos soldados acabassem congelando, causando a amputação dos mesmos.

Dentre os autores que escreveram sobre a guerra do Paraguai, traremos também um estrangeiro. Uma pessoa que não teria envolvimento nenhum com as quatro nações em conflito. Um europeu, o major Max von Versen, que teria vindo ao Paraguai em 1867, única e simplesmente para observar o conflito, sem tomar partido. Mas que acabou caindo prisioneiro

[60]**Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello** [...] *Op. Cit.* p.154

dos paraguaios. Ele nos dá um depoimento interessante, em seu livro *História da Guerra do Paraguai e episódios da viagem na América do Sul*, sobre as condições em que ficavam os prisioneiros de guerra.

> Esse cárcere constava de acanhado recinto sem janelas, repleto de miasmas sufocantes, enxameado de milhões de nojentos insetos, únicas criaturas que davam animação a esse antro sem jamais recearem a menor perseguição. Todos os presos sofriam de disenteria, mas a porta nunca se abria de noite para eles. Os cuidados médicos limitavam-se à visita diária do praticante, que indagava do estado de alguns doentes e escrevia o rol dos falecidos.[61]

Considerações finais

Neste artigo, procuramos responder à questão: o que é o inimigo? Destacamos então as condições sanitárias das instalações militares. Abordamos desde as embarcações onde os marinheiros e soldados navegavam até os locais de combate, que em si, já podiam apresentar diversos perigos, tais como resíduos dos materiais orgânicos, miasmas expelidos dos navios de madeira, cômodos apertados e a convivência de soldados sadios com doentes, devido à falta de espaço. Nos navios de estrutura metálica, haveria a alteração extrema de temperatura, além da umidade.

Outros problemas foram trazidos à baila, como a alimentação deficiente em nutrientes e vegetais, o excesso de consumo de comida em conserva, a carne salgada e em más condições de conservação como originadores de doenças do trato digestivo. Se não bastasse isso, ainda havia o consumo de água contaminada dos rios e lagos. Águas contaminadas não só por serem retiradas de pântanos, mas também por haver nesses locais animais e até homens mortos em estado de putrefação, contaminando essas águas.

Também são citadas situações em que os soldados traziam doenças antes mesmo de chegar, mencionando até que Caxias chegou a exigir quarentena destes soldados. Albuquerque Bello ressalta a existência de varíola no corpo militar sob seu comando, solicitando vacinação para aqueles que ainda não haviam contraído a doença. Outras ameaças citadas ainda temos, a presença de insetos, cobras e aranhas dentro dos acampamentos, bem como o fato de que muitos soldados acabavam por dividir o espaço onde estavam com cadáveres, seja de homens, seja de animais. Tudo isso deteriorava as condições sanitárias dos exércitos e causava mortes.

[61]VERSEN, Max Von. "História da Guerra do Paraguai e episódios da viagem na América do Sul". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 76 (128), 1913, p. 166.